

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

IARTE

CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA

JOSÉ PAULO VENÂNCIO DA SILVA

**A LOUCURA COMO MOTE: PROCESSO DE CRIAÇÃO E PREPARAÇÃO DO
ATOR**

UBERLÂNDIA

2017

JOSÉ PAULO VENÂNCIO DA SILVA

**A LOUCURA COMO MOTE: PROCESSO DE CRIAÇÃO E PREPARAÇÃO DO
ATOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Teatro (IARTE/UFU) como exigência
parcial para obtenção do título de Licenciatura em
Teatro.

Orientador: Profº Drº José Eduardo de Paula

UBERLÂNDIA

2017

JOSÉ PAULO VENÂNCIO DA SILVA

**A LOUCURA COMO MOTE: PROCESSO DE CRIAÇÃO E PREPARAÇÃO DO
ATOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Teatro (IARTE/UFU) como
exigência parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Teatro.

Professor José Eduardo de Paula

Presidente da Banca - Orientador

Professor Daniel Santos Costa

Membro

Professor Getúlio Góis de Araújo

Membro

Uberlândia, MG, 12 de Dezembro de 2017.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, meus pais e família que me deram educação, carinho e me incentivaram a criar minhas próprias asas e alçar voos desejáveis.

Aos meus amigos do dia a dia que me aceitam assim como eu sou, compartilhando de momentos únicos e me dando suporte para enfrentar as batalhas que surgem, e aos companheiros da Graduação em Teatro que trilharam essa jornada fantástica comigo, o meu muito obrigado.

Agradeço a todos os professores, desde o Ensino Fundamental até a Graduação que auxiliaram na minha formação.

Agradeço também a todos os envolvidos neste trabalho que agregaram para somar. Obrigado a meu orientador Eduardo de Paula pela paciência e acolhimento, ao Getúlio Góis pela direção, aprendizado e generosidade, a Camila Ruth pela parceria na iluminação e construção do exercício cênico, ao Luiz Leite pelo apoio nessa jornada com o grande auxílio na construção da dramaturgia, e aos técnicos Camila Tiago e Eduardo Silva pela disponibilidade e assistência.

A todas as energias vivas e brutas que estão ao meu lado me protegendo e dando forças para seguir o meu caminho, Gratidão!

Epahey Oyá!

“Sou feita de retalhos.

*Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha
e que vou costurando na alma.*

*Nem sempre bonitos, nem sempre felizes,
mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.*

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

*Em cada retalho, uma vida, uma lição,
um carinho, uma saudade...*

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.”

(Cora Coralina)

Resumo: O presente memorial nasce a partir de inquietações e atravessamentos causados no ator, tendo a loucura como tema disparador e norteador para a construção de um processo que resulta em um exercício cênico, apresentando como premissa a improvisação e jogos teatrais baseando-se na dramaturgia criada. Nesse sentido trabalhando a preparação do ator entre seus desafios, provocações e sensações objetivando encenações teatrais onde a consciência corporal do ator em cena dialogando com a loucura da personagem se fundem em um fluxo contínuo de energia, emoção, sentimento, razão e delírio, assim ocasionando esta pesquisa.

Palavras-chave: Jogos Teatrais, Atuação, Loucura, Dramaturgia, Encenação.

Sumário

Apresentação	1
Dramaturgia	8
Laboratório de Experimentações	10
Construção da Personagem.....	19
Caracterização	20
Cenário	22
Iluminação.....	27
Elementos e significados	28
Conclusão	32
Referências	34

Lista de Imagens

Figura 1 - Jogo Cênico com as canecas	5
Figura 2 - Sensações causadas com o exercício Caminhada anotadas no "Diário de Experiências"	16
Figura 3 – Breve relato sobre a execução do exercício Funâmbulo.....	16
Figura 4 - Diário de Experiências: Conflitos que surgiram no ensaio do dia 27/06/17 durante o processo de criação	17
Figura 5 - Diário de Experiências: Dificuldades na encenação	19
Figura 6 - Primeiro teste de Caracterização/Maquiagem	21
Figura 7 - Instalação Cênica: Cama enferrujada	24
Figura 8 - Instalação Cênica: Canecas, papéis, grade e camisola.....	24
Figura 9 - Instalação Cênica: Experimentação da cama	24
Figura 10 – Construção do cenário: Tapete de estopas.....	25
Figura 11 - Tapete de estopas concluído	26
Figura 12 - Cenário finalizado com iluminação.....	26
Figura 13 - Relação da personagem com a camisola	28
Figura 14 - Cena da personagem com a filha - casulo de estopas	29
Figura 15 - Cena da criança sendo levada pelo Anjo.....	30
Figura 16 - Partitura de movimentos no início do exercício cênico	31
Figura 17 - Partitura de movimentos no final do exercício cênico	31

Apresentação

A partir de uma inquietação causada em mim com a temática Loucura, sendo reforçada com o modo de tratamento feito com os pacientes psiquiátricos, chamados de “loucos” pela sociedade, e o olhar que colocamos em cima dos mesmos de forma preconceituosa, tenho um atravessamento que me provoca a refletir, falar e experienciar o tema objetivando conhecer, vivenciar e desconstruir no palco de forma lúdica e empírica a loucura vivida por todos nós surge o desejo de desenvolver um trabalho onde eu consiga explorar e ampliar o conhecimento do meu próprio corpo em cena, levantando o tema da loucura como elemento norteador dentro de uma encenação em que corpo e sentimentos se fundem em uma única experiência sensorial.

Sendo assim, esse desejo vem somado à vontade de estar envolvido desde o processo de criação da dramaturgia até a presença do meu corpo em cena de forma consciente. Trilho meu caminho sobre o tema a partir da minha vivência em um trabalho de campo desenvolvido na ala da psiquiatria no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, onde conviver com os internos me fez resgatar as indagações que já existiam em mim e refletir acerca do olhar que todos nós temos do sujeito dito “louco”.

Nesse sentido, me inquieta a forma que “os loucos” são vistos e colocados na sociedade moderna, considerando que, historicamente desde tempos remotos os sujeitos com problemas psiquiátricos eram excluídos do convívio em sociedade classificados como indivíduos com altos índices de risco ao outro. Porém nem sempre foi assim, na Grécia antiga acreditava-se que os “loucos” se comunicavam com as divindades e com o sagrado se tornando quase que uma qualidade ser considerado alucinado, mas com o passar do tempo esse respeito foi se perdendo, a sociedade então passa a excluir os loucos criando lugares isolados, instituições terminais e/ou manicômios para colocar essas pessoas consideradas “um perigo para a sociedade”, já que estavam fora de um padrão de normalidade e fugiam das regras normativas. Tais instituições não possuíam estruturas adequadas para abrigar a quantidade de pessoas que eram simplesmente “jogadas”, sem cuidados necessários para a sobrevivência de um ser humano, além de não ser um local

minimamente aconchegante, as necessidades básicas alimentícias e higiênicas eram negligenciadas, os internos passavam por maus tratos partindo de medicações fortes até torturas físicas e emocionais, o que provocava um gravíssimo transtorno psicológico com debilitações físicas levando até mesmo ao óbito.

Sempre me questionei sobre o tamanho da brutalidade feita pelas mãos de um ser humano para destruir o outro, onde todas as formas de tratamento eram consideradas como corretas e positivas ganhando como fundamento a cura, sendo que acontecia totalmente ao contrário, havendo pioras no lugar de melhoras, como é possível ainda pessoas que fogem do padrão dito normal ser excluídas e esquecidas pela sociedade. Hoje, mesmo com as mudanças nos tratamentos realizados com os pacientes com transtornos mentais e a anulação de manicômios, ainda são isoladas e tratadas com diferenciação, desrespeito e preconceito.

Resgatando minhas memórias da infância, onde eu e alguns amigos tínhamos medo de um homem que residia na rua de casa, o mesmo tinha períodos de surtos recorrentes de algum quadro psiquiátrico que não sei ao certo, talvez esquizofrenia. Esse homem transitava pela rua não causando mal a ninguém, apenas tinha a sua forma diferente de se relacionar com os outros no seu jeito de andar, olhar e conversar várias coisas sem sentido seguido de risadas. Lembro que esse amedrontamento surgia até mesmo dentro de casa quando os pais diziam as crianças: “Vou chamar o doido pra você, se continuar teimando!” - fato que acontecia algumas vezes nas casas da minha rua, ou seja, o estereótipo que pessoas com transtornos mentais fazem mal as crianças e pessoas no geral é culturalmente perpassado de geração em geração reforçando o preconceito.

Meus questionamentos me levaram a tentar compreender os conflitos e transtornos presentes em um corpo que contém sentimentos, desejos, sonhos e todas as condições inerentes a todo e qualquer ser humano independentemente da sua situação psicológica. Tendo como premissa essas indagações, comecei uma pesquisa por dramaturgias que viessem de encontro com minhas aflições e questionamentos, desejava abordar uma história protagonizada por um personagem que vivesse em meio ao caos emocional por sofrer transtorno mental, independente da causa ou diagnóstico.

Partindo dessas memórias e reflexões, busco alguém para me orientar nesse primeiro momento, colaborando com levantamentos de questões relativas ao tema e

somente depois de uma pesquisa bibliográfica iniciáramos o processo de criação de cenas. Num encontro com Luiz Leite¹ e uma conversa rápida pelos corredores da Universidade Federal de Uberlândia, falo sobre o meu desejo de desenvolver um trabalho com tal temática e que estava em busca de alguma dramaturgia que servisse como ponto inicial para a pesquisa e criação, e por coincidência o Luiz estava em um momento de pesquisa com o tema loucura, o que acabou somando com aquilo que eu estava procurando. Desde então fui convidado a me reunir com ele para explicar melhor a minha proposta e consequentemente, ouvir o seu posicionamento e as possibilidades de me auxiliar na construção de tal dramaturgia.

Definimos um dia da semana para encontrarmos e levantarmos questões, inquietações e compartilharmos, surgindo conversas a partir de experiências, leituras e visões pessoais. Nesses encontros discutimos bastante sobre o Hospital Colônia de Barbacena, estabelecimento esse que foi construído na cidade de Barbacena em Minas Gerais e considerado o maior hospício do Brasil, no qual pelo menos 60 mil pessoas morreram devido ao frio, doenças, fome e tratamentos em forma de torturas como eletrochoques com cargas fortes. Segundo pesquisas estima-se que cerca de 70% das pessoas que foram levadas para o Hospital Colônia não tinham diagnósticos de doença mental, tornando-se destino para aqueles que eram homossexuais, mães solteiras, mendigos, alcoólatras, pobres, negros, pessoas sem documentos, mulheres que perdiam a virgindade antes do casamento e todos os tipos de indesejados, portanto, se tornando destino certo para o sujeito considerado escória da sociedade.

Quando a locomotiva desacelerava, já nos fundos do Hospital Colônia, os passageiros se agitavam. Acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para aquele lugar. (ARBEX, 2013, p. 27)

Assim chegavam as pessoas no Colônia, em trens com vagões superlotados, também conhecidos como *“trens doidos”* - termo criado pelo escritor João Guimarães Rosa, ao chegar já recebiam maus tratos, tinham suas roupas arrancadas e eram obrigadas a encarar não apenas a baixa temperatura climática, mas torturas e humilhações.

¹ Dramaturgo do Curso de Teatro (IARTE/UFU).

A partir de tais situações, começamos o caminho de criação tentando imaginar o que se passava na cabeça de alguém que se encontra em um estado de abandono e sofrimento, transitando entre lembranças e desejos. Lembranças passadas que traziam sentimento de felicidade ou totalmente ao contrário, causando mais ódio e dor. Desejos de reviver um momento único ou até realizar uma ação simples, que para o outro pode não ter tanta importância, como por exemplo: levantar e olhar na janela de casa ou até mesmo coisas rotineiras e cotidianas como sentar na praça e tomar um sorvete, ações que para pessoas consideradas sem distúrbios psiquiátricos é rotineira, normal e simples, porém, para pessoas com transtornos mentais pode estar carregado de simbologias e sentimentos.

Dentre todas as conversas e discussões levantadas nos encontros com o Luiz, o que me provocou mais reflexão foi: O que há por trás de cada trajetória de uma pessoa com transtorno mental? Qual o universo desconhecido que cada um deles carrega em si? Será que de fato houve alguma situação que a levou a tal quadro de perturbação? Quais fatores agressivos ao ser humano podem desencadear surtos e levar a um estado clínico mental considerado fora da normalidade? Quais os limites entre a normalidade e a loucura?

Nesse sentido, surgiram várias indagações e reflexões acerca do tema loucura como objeto de pesquisa para o comportamento humano e não há lugar melhor de estudar o comportamento humano, além das clínicas especializadas, do que no teatro. Portanto, pretendo de maneira sucinta estabelecer um diálogo entre teatro, construção da personagem e psicologia, acreditando se tratar de questões intrínsecas a minha práxis enquanto ator.

Os estudos aconteciam com Luiz Leite e novos elementos surgiam, em um desses encontros fui surpreendido com a apresentação de um texto por ele construído a partir das nossas conversas e inspirações de relatos reais.

Abaixo discorro sobre o texto: A dramaturgia é uma narrativa contada em primeira pessoa pela personagem - uma mulher - que traz consigo uma vida marcada pelo sofrimento e situações que interromperam o prazer de ser uma pessoa livre em seus pensamentos e desejos, a mesma possuía uma vida dolorida com situações de violência doméstica e machismo que a levou a um estado de desespero a ponto de provocar a morte de sua própria filha para livrá-la de sua realidade, sendo este o motivo principal da sua internação. A história se passa em

um quarto de manicômio com situação precária de higiene e conforto, carregado de mau cheiro e sujeiras havendo apenas uma cama enferrujada e pouca entrada da luz do dia. A personagem passa a viver isolada do mundo e sem contato com a família após cometer um “possível” assassinato e ser classificada uma pessoa com transtorno mental, mas sempre trazendo lembranças que relatam como era sua vida antes de estar ali. Esta narrativa permite um jogo de transição entre momentos de lucidez e loucuras, no qual o ator pode desenvolver um trabalho em que brinca com a criação de uma personagem que ora se mostra uma pessoa lúcida e ora uma pessoa fora do controle apresentando alucinações e surtos, sempre na linha tênue entre loucura e sanidade mental, na encenação, por exemplo, o uso de canecas é apresentado ao espectador como dois objetos utilizados para beber água e tomar banho, logo em seguida as mesmas se transformam em dois seres próximos com uma relação de afeto, construindo um jogo simbólico entre a personagem e os elementos de cena.



Figura 1 - Jogo Cênico com as canecas.

A personagem é uma mulher que se casa cedo com o desejo de ser feliz, assim como qualquer pessoa espera, porém com o tempo começa a sofrer com essa relação na qual o marido se coloca como um homem machista e violento, sem demonstrar nenhum sentimento de amor e afeto por ela. Além de violências físicas e verbais, o marido a proíbe de realizar determinadas ações dentro de casa, como a leitura de livros, lhe tirando a liberdade de expressão e a essência de ser uma mulher independente, esse marido vai deixando marcas que se transformam em feridas psicológicas, levando a momentos de desesperos e tornando a personagem uma pessoa frágil conduzindo a cometer determinados atos como forma de libertação, tais como: desejar que o filho que carrega no ventre não venha ao mundo e até tirar a vida da criança que insiste em nascer mesmo sem a sua vontade.

Ações que pela situação de vida da personagem remetem a desejos de proteger os filhos e livrá-los da cruel realidade, não desejando a eles a vida à qual está submetida, não conseguindo lidar com todo o sofrimento, podendo levar o espectador para vários lugares a partir da sua própria interpretação sobre os fatos: A personagem pode ser considerada uma pessoa com transtornos mentais? Ela foge do controle e age de forma racional e/ou por impulso? Ela necessita de tratamento psiquiátrico? Ou essa mulher é uma assassina que agiu de modo brutal e maldoso por não desejar a filha merecendo a cadeia como punição?

O texto transita entre o leve e o pesado quando há uma relação com o “Anjo de asas grandes” que vem buscar as crianças mortas em que temos a imagem do anjo como uma criatura pura de paz e tranquilidade, mas ao mesmo tempo é essa mesma criatura quem está buscando a criança morta e levando-a para o outro plano, estabelecendo nesse momento reflexões sobre a dualidade entre o bem e o mal, o certo ou errado. Essa oposição acontece também quanto ao espaço em que ela se encontra - o manicômio - sendo um lugar que devido às condições de tratamento e torturas não é desejado e sim temido, porém, para a personagem o espaço se torna um refúgio da vida que tinha e busca encontrar coisas que lhe distraia resgatando a mulher que já deixara de existir.

Durante os laboratórios de experimentação, a dramaturgia foi se transformando a partir do momento em que passei a entender melhor a personagem que eu estava construindo, no qual fui adicionando elementos recolhidos através da observação e contato direto com a ala psiquiátrica dentro do projeto Pediatras do

Riso², o mesmo me possibilitou uma vivência real dentro do universo da psiquiatria durante alguns anos da minha graduação onde trabalhei com o Clown. Mesmo o trabalho tendo como objetivo a pesquisa do Palhaço/Clown em jogo com o ambiente hospitalar, atuar na área psiquiátrica me auxiliou na criação da personagem, pois, comecei a observar como os “visitantes” agiam na forma de andar, conversar e de se relacionar com os outros.

A minha escuta em relação ao comportamento dos pacientes dentro da psiquiatria foi se ampliando a partir da sensibilidade que ficava mais forte em mim adquirida com as experiências que vivenciei no projeto Pediatras do Riso. Dentre as várias observações e relações criadas, eu pude absorver elementos potentes que permitiram o desenvolvimento do trabalho cênico de forma que a construção partisse de uma mistura de tudo que me atravessou e estava presente em meu corpo e memória.

Participei de várias situações com os pacientes ali presentes junto com suas histórias que sempre traziam lembranças que em certos momentos traziam alegria e em outros a tristeza. Muitos momentos vivenciados com os pacientes da psiquiatria foram como se a gente voltasse a ser crianças e entrávamos num mundo em que o segredo era apenas se divertir, sem medo e sem a preocupação de fazer certo ou errado. Assim, os jogos que mais aconteciam eram com danças e músicas que quando não eram cantadas por todos, eram colocadas em um rádio garantindo a festa que ganhava temas e estilos variados.

Todas as histórias que eu tive a oportunidade de conhecer ficaram gravadas em mim e diversas vezes sai do trabalho com a emoção tomando conta de todo o meu ser. São várias as situações que me atravessaram, mas gostaria de relatar a de um paciente que mexeu muito comigo ao me chamar de pai por diversas vezes e quando fui sair da ala psiquiátrica o mesmo me olhou e disse: “Pai, me tira daqui. Deixa eu ir com você”. Neste dia, a emoção veio assim que cruzei a porta de saída e não consegui segurá-la, não sabendo dizer o motivo dele ter feito essa relação entre seu pai e meu Clown (eu), talvez pelo carinho compartilhado naquele dia e brincadeiras executadas.

Outras situações que me fizeram refletir em relação ao lado imaginário que são criados em suas mentes foram de uma paciente que veio compartilhar sobre seu

² Projeto de extensão do Curso de Teatro, na Universidade Federal de Uberlândia, realizado no Hospital de Clínicas - UFU.

namorado que lhe esperava lá fora, da moça que estava grávida de gêmeos e aquela outra que nos mostrou a revista de uma loja de roupas dizendo que as peças presentes foram criadas pela mesma. Momentos estes em que os pacientes deixam a lucidez e transitam pelo mundo imaginário que a “loucura” pode lhes causar.

Através desta observação a dramaturgia adquiriu mais potência e lógica se tratando da loucura sem a necessidade de modificar palavras e seus sentidos, passando por recortes e encaixes durante o processo de criação. Nesse momento ganho outro companheiro de pesquisa, Getúlio Góis, do qual falarei sobre nosso encontro profissional logo abaixo. Juntos realizamos uma análise do texto e decidimos a quantidade de cenas e quais as partes mais importantes para a construção da personagem e sua história.

*

Dramaturgia

Carne Triada³, de Luiz Leite - criado de forma colaborativa durante o processo de criação do exercício cênico.

(Um quarto de manicômio. Mulher escreve uma carta imaginária.)

Cena I

Mãe! Eu gostaria muito que a senhora viesse me visitar. Sei que já te pedi isso algumas vezes nesse ano.... ano passado também.

Aqui tenho uma cama, meus remédios, um pinico, duas canecas. Uma para beber água e a outra para tomar banho. E tenho também algumas camisolas: Uma, duas, três... Essa é a que eu mais gosto!

Ah, Mãe! Que saudades.

Uma vez por semana me chegam sacos de camisolas para remendar. Quando as mulheres morrem eles tiram suas camisolas, lavam e trazem aqui para

³ Título criado durante o processo de criação, relacionando com termos utilizados por benzedeiras ao realizar o Coso – ato de benzer junto a uma costura feita numa bola de pano ou um tecido vermelho colocado no local onde a pessoa sente dores.

eu consertar. Quem chega sempre recebe uma camisola lavada e remendada. Depois, nunca mais! Só que mesmo lavadas, o cheiro de fezes, de urina, de vômito... nunca sai... algumas ainda estão manchadas de sangue... por isso troco a minha toda semana... uma semana de uso... ninguém percebe a diferença com as recém-lavadas.

Eu tô linda né? *(improvisação com fala sobre uma menina da ala psiquiátrica).*

Eu gosto desse trabalho, me mantém ocupada.

Cena II

Quando eu era pequena, pequena mesmo, me lembro de quando minha irmãzinha morreu poucos dias depois de nascer. Diziam que assim era a vida dos pobres.

Minha avó dizia que as crianças, quando morrem, são levadas por anjos lindos para o céu, mas antes, os anjos com suas grandes asas, voam bastante tempo por sobre o mundo, mostrando às crianças mortas o mundo que elas deveriam conhecer.

Gostava muito! Mas depois me casei. Meu marido me proibiu.

Ele dizia que para fazer o serviço de casa não era preciso saber ler e escrever. - Besteira. Mulher não precisa saber disso não.

A Bíblia a gente lia, mas isso que eu achava uma besteira. Tudo a mesma coisa. Êxodo, Levítico, Gênesis, Deuteronômio, Salmos, Números... "*xingamentos*". Tudo eles um bando de desgraçado. Peguei desgosto. Sei ler mais não. Escrever eu gosto e costurar.

Eles pensam que eu sou louca...

Eles dizem que eu sou louca...

Eles têm certeza de que sou louca.

(improvisação de fala sobre as benzedadeiras)

Cena III

Ele nunca gostou da menina. A pequenina nem conseguia andar ainda e ele já batia nela. Teve uma noite que a menina estava chorando. Estava com febre!

Como ele não conseguia dormir começou a bater na menina, acho que ela não tinha nem dois anos, não me lembro bem dessas coisas, só me lembro que ela passou a chorar mais ainda e ele batia mais. Vi que ele iria matar a menina. Eu não deixei. Ele descontou sua raiva em mim, mas deixou a menina em paz. Depois de me bater muito, ficou cansado e foi dormir lá fora no “paiol”. Mas não bateu nela mais não.

Ela ainda chorava!

Eu fiz um chá de erva-cidreira e a coloquei em uma bacia com água morna para baixar a febre. Ela foi se acalmando. Depois eu chamei o anjo de asas grandes para vir buscar a menina... e ela foi bebendo a água morna para baixar a febre. Eu não vi o anjo, acho que só as crianças veem. Mas, ela nunca mais iria apanhar de homem nenhum na sua vida, e foi bebendo a água morna, acalmando-se, voando pelo mundo... Um Silêncio...

*

Laboratório de Experimentações

Já com a dramaturgia construída, o próximo passo foi iniciar o processo de criação com alguém que aceitasse dirigir o trabalho e me auxiliar na preparação enquanto ator-criador. Fiz o convite ao Getúlio Góis⁴, por admirar o seu trabalho e ter surgido anteriormente o desejo de participar de algo que tivesse o seu envolvimento a partir de um contato mais próximo entre nós no Estágio Supervisionado⁵ realizado na ESEBA⁶.

Aceito o convite feito por mim, iniciamos o trabalho através de um processo livre sem a preocupação de um resultado final denominado “espetáculo”, “cena” ou “performance”, trabalho esse onde o intuito e o foco era a construção de uma trajetória de vivências cênicas aberta a caminhos de descobertas, pois me interessa muito como ator desenvolver uma pesquisa onde a criação teatral não se inicia com uma estrutura já definida, assim, enquanto ator em cena experienciei possibilidades espaciais, sensoriais e pude transcender a narrativa teatral para além do texto e da

⁴ Professor de Teatro – ESEBA.

⁵ Disciplina obrigatória da grade curricular do Curso de Licenciatura em Teatro (IARTE/UFU).

⁶ Escola de Ensino Básico – UFU.

cena definida. Então, entrego o “embrião” para a direção poder utilizar o trabalho como um momento de colocar seu olhar e seus próprios desejos acrescentados aos meus, unindo elementos presentes e trilhando um diálogo entre teoria e prática com percepções diversificadas que foram construídas a partir da nossa bagagem de estudo/aprendizado para o desenvolvimento e nascimento do trabalho cênico.

Os encontros aconteceram durante o primeiro semestre de 2017 com ensaios às terças-feiras, e a sensação de estar realizando um trabalho empírico, baseado nas minhas experiências vividas enquanto observador dentro de uma ala de psiquiatria me fez mergulhar com grande dedicação mesmo com meus conflitos, inseguranças e medos, tão inerentes ao ator dentro do processo de criação. O êxtase de romper barreiras do ponto de vista pessoal e profissional e de estar em cena conectado com o meu próprio eu, desafiando meus limites diante de uma prática que para acontecer dependeria do meu empenho e força de vontade foi sem dúvida alguma uma catarse.

Ser observado enquanto realizava os exercícios propostos foi a maior dificuldade que enfrentei no início, pois, me prendia devido à sensação de estar fazendo de forma errada e/ou não conseguir atingir os comandos me deixando envergonhado já que a atenção estava voltada para mim. Essa dificuldade me faz refletir o quanto somos presos ao texto e a comandos externos, não nos permitindo enquanto ator em alguns momentos a interiorização necessária para o ritual cênico, com a velha mania de achar que estamos realizando os jogos teatrais de modo incorreto quando na verdade não existe o certo e sim formas distintas a serem interpretadas por diferentes corpos. Meu corpo foi se entregando a partir do momento em que me conscientizei que não estava ali para ser julgado e/ou avaliado de forma rígida, mas estava em um lugar de criação e descobertas onde a presença da direção adquire um espaço de suporte auxiliando na construção do espetáculo e no preparo do ator.

A ação do meu corpo em muitas vezes se dá como reflexo do que se passa em minha mente, então quanto mais eu me bloqueava por receios, medos e vergonha, não conseguiria atingir o objetivo de construção do exercício cênico, consciente de que meu corpo estava em cena para experimentar o desconhecido, nesse sentido comecei a usar tudo a meu favor, transformando esses obstáculos em limites a serem superados através de um trabalho que para acontecer deveria estar

por inteiro e que todos os envolvidos teriam que ter o mesmo objetivo, que o olhar externo não poderia limitar ou bloquear meu olhar interno tão desejado por mim em cena.

O processo de criação parte de práticas teatrais voltadas para a interpretação e atuação com foco no corpo do ator buscando caminhos de descobertas e encontros em um campo de experimentações e provocações, e com a necessidade de chegar numa atmosfera condizente ao espaço a ser explorado, portanto, iniciamos com jogos teatrais em que a imaginação provocada pelas atividades executadas, possibilitou novas percepções e sensações me motivando a atingir determinados estados corporais de forma plena e consciente. Foram utilizadas improvisações a partir de estímulos sonoros, agregando-os a espaços imaginários com circunstâncias que me atravessavam, permitindo alterações na minha condição física e emocional.

Tal exercício se desenvolveu por meio de comandos e provocações – Que lugar é esse que estou? O que vejo? –, a partir dos quais fui orientado a me permitir deixar ser levado a “outros lugares”. Som de água, pássaros, morcegos me transportou para um espaço composto por uma jaula enorme cercada por uma floresta que oscilava entre o lado sombrio e outra hora verde e iluminada com a presença de um pássaro que voava na área. Logo capturei a imagem que estava visualizando – o pássaro - com as mãos e fui orientado a guardá-lo num canto onde ficaria protegido, no qual eu teria que ser uma espécie de guardião cuidando e preservando a sua segurança, realizando trocas de esconderijos.

O conjunto de ações e intervenções com estímulos múltiplos me causou susto, apreensão e desespero com um corpo em estado de exaustão me levando para momentos de transição entre surto e calma, atingindo condição de alucinação provocada por vozes e imagens. Após ter alcançado esse estado emocional fui orientado a encontrar uma ação que me trouxesse calma, introduzindo a costura silenciosa por um tempo e acrescentando elementos já conquistados partindo para uma improvisação de cena: uma composição com frase do texto, ação de costurar, jogar com movimentos lentos com a cabeça e olhar, movimentos corpóreos sutis e pequenos com fala vagarosa e pausada acentuando as vogais. Ainda presente em mim um estado de exaustão e clímax cênico, tive que conter a energia alcançada e preencher todo o meu corpo com sutileza, a vergonha e a

insegurança já não estavam mais presentes nesse momento, e consegui me soltar e entregar ao trabalho com generosidade e segurança transmitida pelo “condutor Getúlio”, enaltecendo as dificuldades enfrentadas por mim.

Então, comecei a navegar por um caminho que desconstruía o meu corpo cotidiano e me levava para outro lugar, saindo do confortável e descobrindo novas formas e possibilidades. Peguei minha “caixinha interna” e precisei organizar cada coisa no seu devido lugar, ações como: falar devagar, movimentar o corpo lentamente, trabalhar a respiração, manter o mesmo ritmo das palavras e controlar a ansiedade para não acelerar, mantendo o equilíbrio sobre estas execuções. Dificuldades foram surgindo dentro do processo como controlar o andamento da frase mantendo o mesmo padrão lento desde a primeira palavra até a última, pois, minhas falas iniciavam com uma velocidade vagarosa e as mesmas sofriam alterações de aceleração no decorrer da execução, e a perda de ritmo das falas acontecia também em momentos que era necessário aumentar o volume da voz, visto que, o prolongamento das vogais de cada palavra se perdia. Para encontrar maneiras de manter o mesmo andamento, precisei exercitar experimentações além dos ensaios, onde realizei em casa treinamentos diários com a voz praticando a repetição de frases da dramaturgia para alcançar o objetivo vocal necessário.

Esses primeiros exercícios me trouxeram a noção de quão densa era a atmosfera formado pelo todo e que eu precisava trazer para cada parte de mim todas as sensações que obtive, desde o sangue que percorria freneticamente até o suor que escorria sobre minha pele. Suor de cansaço, de trabalho, de estar fazendo acontecer. Sentir o peso do que estava sendo trabalhado, deixando reverberar no meu ser e conseguir transmitir pelo olhar.

O primeiro passo de Antunes na preparação do ator dava-se em termos de um tipo de “desestruturação”: procurava eliminar os hábitos adquiridos, os vícios do ofício, todos os condicionamentos culturais, deixando o ator desimpedido e apto às novas ideias, podendo toma-las por instrumentos na busca de novas formas. O que se propõe agora é a “desestruturação” também física. Através do “desequilíbrio” o ator luta contra o condicionamento físico: as articulações passam por uma severa “análise crítica” e vão, aos poucos, deixando de constituírem impedimentos ao pleno uso do corpo humano como matéria expressiva. (MILARÉ, 1994, p. 270)

Trabalhamos com quatro exercícios utilizados por Antunes Filho⁷ com o intuito de ativar o corpo do ator deixando-o mais preciso e vivo ao encontrar novas formas corporais através de estados físicos corporais que surgem no decorrer da execução. Realizados numa sequência, o primeiro exercício leva a uma desconstrução dos padrões corporais que carregamos de maneira condicional executando uma limpeza e praticando a preservação do eixo, iniciando pela caminhada em círculo e colocando toda a energia na região do púbis que é de onde deve sair toda a movimentação e de onde tiramos toda a tensão das demais partes do corpo, no qual o próprio movimento gera movimento e energia. Inicialmente gasto minha energia para me colocar em locomoção e depois, a própria movimentação junto da respiração gera energia me conduzindo a este fluxo.

Ao executar o primeiro exercício, convencionei algumas formas corporais, encontrando o eixo que me permitiu locomover de forma confortável. A primeira instrução foi apenas caminhar reajustando cada parte de meu corpo em velocidade regular e aos poucos ir colocando toda a atenção no quadril deixando que o mesmo me levasse ao movimento, como se existisse um anel preso na cintura impulsionando a locomoção na medida em que a caminhada já estava sendo executada ganhando maior velocidade. Aos poucos pude notar e sentir a energia que ficava mais presente nesta região levando ao movimento sem que eu necessitasse acionar comandos para me locomover no espaço, trazendo a sensação de estar sobre o domínio do meu corpo, onde ele começa a corresponder o caminhar de forma involuntária.

Denominado “Funâmbulo”, o segundo exercício é realizado com o objetivo de caminhar sobre uma corda bamba imaginária, provocando desequilíbrios para desconstruir as formas corporais, ampliando os gestos e abrindo espaços entre os braços, coluna, ombros e pernas, expandindo os movimentos do corpo de forma consciente, pois todas as partes do corpo, incluindo a cabeça e pescoço, devem estar soltas e sem tensão, deixando o desequilíbrio acontecer de forma natural e verdadeira, lançando todo o corpo junto ao impulso que o desequilibrar causa. Apesar de já ter praticado este exercício em outros momentos na graduação, foi a primeira vez que senti de fato o real desequilíbrio de modo espontâneo, tal resultado

⁷ Diretor de Teatro Brasileiro.

foi atingido devido à entrega e ao estado corporal ativado pelo exercício da caminhada realizado anteriormente.

Na sequência e sem interrupção prosseguimos para a *Loucura*, terceiro exercício, trabalhando imagens corporais com movimentos amplos e brincando com alterações da consciência saindo da expressão cotidiana na busca gestual do corpo e formas abstratas após a desconstrução realizada nos exercícios anteriormente citados – Caminhada e Funâmbulo –, sem a intenção de ficar louco, mas sim encontrar outras possibilidades de expressão. Por trabalhar também a imaginação, além de me levar a obter outras formas corpóreas, o exercício auxiliou em momentos da cena que eu precisava buscar situações ilusórias capazes de ativar estados emocionais.

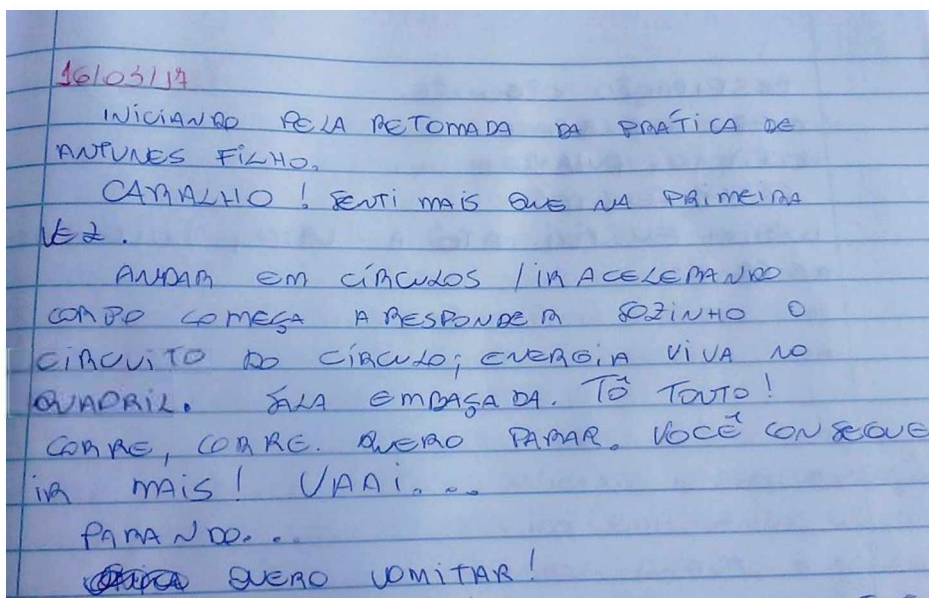
Blues é o nome de outro exercício, que trabalha com a construção de gestos e movimentos corpóreos mais próximos da realidade, sendo realizados ainda com uma expressão “esquisita” trazida do exercício da Loucura citado anteriormente, porém, de modo mais contido. Neste momento executei ações cotidianas como sentar, caminhar e coçar o rosto de forma mais contida junto a gestos pequenos e lentos, jogando com oscilações entre tranquilidade e aflição, brincando propositalmente com o ritmo corpóreo.

A realização dos quatro exercícios teve em média de 50 a 60 minutos de duração com uma interrupção durante o último feita pelo Getúlio, propondo improvisações a partir da minha ação de estar sentado e mexendo na face com gestos minimalistas. A improvisação me causou susto no primeiro instante, pois não esperava tal interferência, mas isso me colocou em estado maior de prontidão, auxiliando na exploração de novas ações partindo da relação criada cenicamente entre nós por meio de gestos e falas a partir do improviso, estruturando um jogo de opressão e entrando na dramaturgia cênica.

Assim, as cenas se desenvolviam e ganhavam vida através de impulsos, estímulos e de uma preparação corporal consistente. O jogo de criação se dava a partir de exercícios voltados para a minha preparação, propiciando maior sensibilidade e energia, desfrutando da improvisação com o espaço cênico e a dramaturgia.

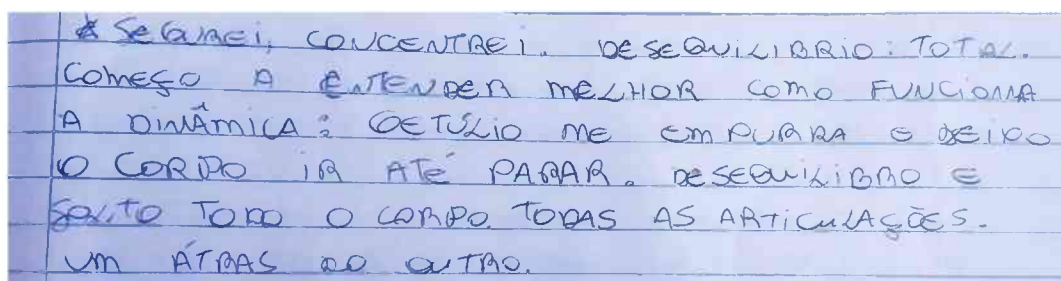
Utilizamos estas mesmas práticas de Antunes Filho também em outros momentos, nos quais pude sentir com mais intensidade e entender com clareza o

que estava sendo executado e trabalhado em meu corpo, compartilho, por meio do meu "Diário de Experiências", alguns acontecimentos que vivenciei durante estes exercícios:



16/03/17
INICIANDO PELO RETOMADA DA PRÁTICA DE
ANTUNES FILHO.
CAMALHO! SENTI MAIS QUE NA PRIMEIRA
VEZ.
ANDAR EM CÍRCULOS / IR ACELERANDO
CORPO COMEÇA A RESPONDER SOZINHO O
CÍRCULO DO CÍRCULO; ENERGIA VIVA NO
QUADRIL. SÁLA EMPAÇADA. TÔ TUDO!
CORRE, CORRE. QUERO PARAR. VOCÊ CONSEGUE
IR MAIS! UAAI...
PARANDO...
~~QUERO~~ QUERO VOMITAR!

Figura 2 - Sensações causadas com o exercício Caminhada anotadas no "Diário de Experiências".



* SEGUI, CONCENTREI. Desequilíbrio: TOTAL.
COMEÇO A ENTENDER MELHOR COMO FUNCIONA
A DINÂMICA: DETULIO ME EMPURRA E DEIXO
O CORPO IR ATÉ PARAR. Desequilíbrio é
SÓ TÔ TUDO O CORPO. TODAS AS ARTICULAÇÕES.
UM ÁTRAS DO OUTRO.

Figura 3 – Breve relato sobre a execução do exercício Funâmbulo

O processo se desenvolvia conforme as experimentações aconteciam e recebiam estrutura cênica com fragmentos que se entrelaçavam e formavam uma sequência, assim encaminhando para um término. Nosso objetivo era utilizar o espaço e o tempo para experimentações, independente do resultado alcançado, dando mais importância à experiência e à vivência durante o percurso, portanto, próximo de finalizarmos o ciclo, combinamos a data 11 de julho de 2017, e convidamos algumas pessoas mais próximas para apresentar o resultado que denominamos "exercício cênico". Chegou então o momento de partilhar o que foi construído e de receber críticas construtivas acerca do exercício cênico e do

trabalho desenvolvido. Nesse momento meus conflitos internos e pessoais gritaram: Não estou preparado! Não está bom para compartilhar! Falta pouco tempo!

Logo, minha maior dificuldade a ser enfrentada foi lidar com o medo de não conseguir e de me expor diante das pessoas com seus pontos de vista pessoal e profissional. Acredito que tal insegurança é comum entre qualquer ator, mas diante de todo processo emocional que trilhei até aqui, esse momento me trouxe o desejo de compartilhar o quão intenso foi o processo junto com a incerteza e a indecisão enquanto um corpo em cena. Assim, meu desafio foi (ainda estou trabalhando isso em mim) acreditar em um trabalho que foi experimentado de forma árdua e ter a certeza da minha capacidade de executar algo que perpassou por um intenso preparo.

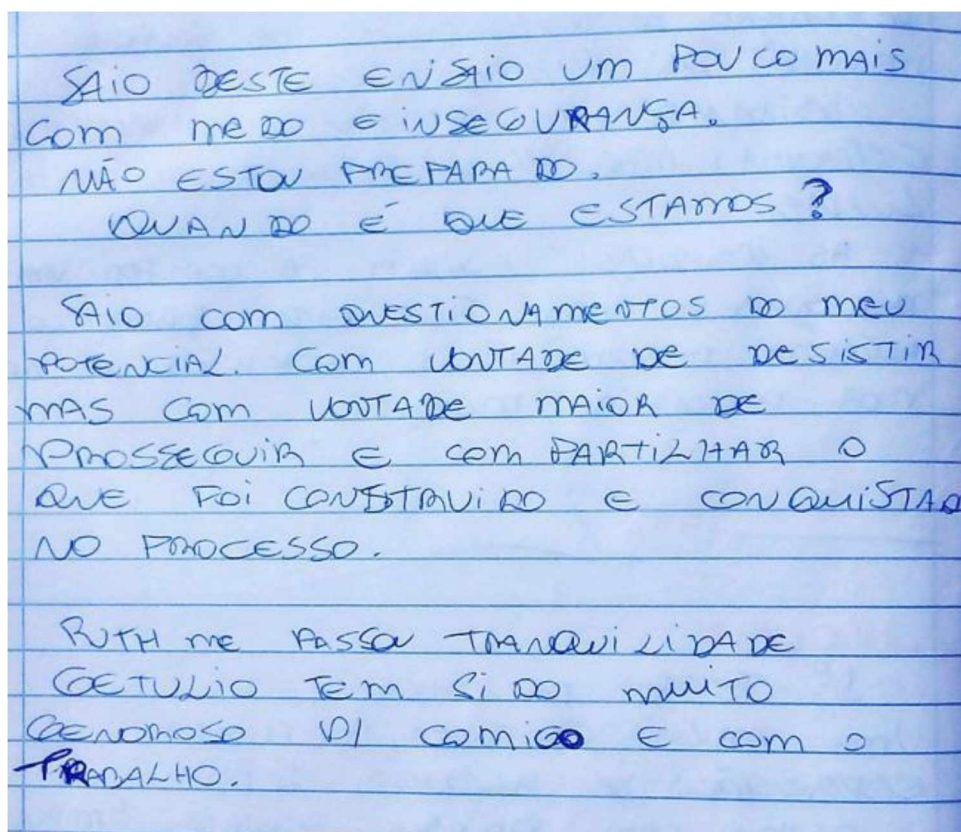


Figura 4 - Diário de Experiências: Conflitos que surgiram no ensaio do dia 27/06/17 durante o processo de criação.

Após a apresentação cênica do trabalho, abrimos para os espectadores falarem sobre as impressões e levantarem pontos que poderiam ser melhorados. Obtive críticas positivas e construtivas como: o trabalho possui uma sensibilidade no geral trazendo uma proximidade da realidade sobre o tema utilizado – loucura e

manicômio -, comentário feito por Wesley Nunes, ao acrescentar que enxergou em vários momentos situações próximas da ala psiquiátrica do HC-UFU por participar também do projeto Pediatras do Riso atuando neste setor, onde fomos companheiros de jogos por um longo, intenso e eterno período. O mesmo sugeriu trabalhar nas quebras de texto, deixando-as mais acentuadas. Minha amiga de turma da graduação Juliana Marques ressaltou a sensibilidade presente e o quanto foi interessante ver o meu crescimento no decorrer do Curso e presenciar um trabalho em que quebrei o padrão já enraizado trazendo para a cena um novo registro de corpo e voz. Daniel Costa deu toques importantes sobre pontos que ficaram evidentes na minha atuação como acreditar mais no que estava sendo executado e no meu trabalho, sendo necessário controlar mais o nervosismo e atuar de forma mais tranquila.

A partir dos comentários, Getúlio e eu refletimos muito acerca do que poderia ser modificado ou não, concordamos com os pontos colocados pelos espectadores e concluímos que conseguimos atingir um bom resultado com total proveito em um prazo não muito longo para a criação do exercício cênico. Após o compartilhamento, recebi um convite para apresentar na Semana de Arte⁸ da ESEBA que acontecerá em Dezembro de 2017, momento que utilizarei para rever e melhorar os momentos apontados mantendo a mesma estrutura cênica construída.

⁸ Evento realizado pela área de Artes da escola ESEBA.

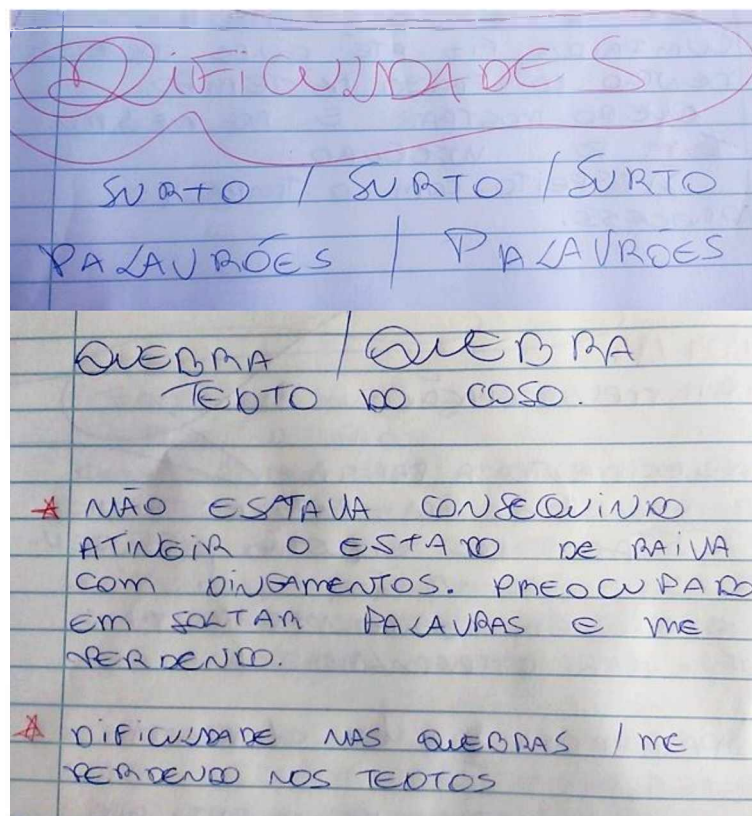


Figura 5 - Diário de Experiências: Dificuldades na encenação.

Construção da Personagem

A personagem foi adquirindo características a partir das improvisações realizadas com o texto e objetos presentes no trabalho, tendo como estímulos também para a criação da mesma, exercícios que auxiliaram no encontro da voz e corpo desejados construindo um conjunto de gestos minimalistas.

Tudo que meu corpo apreende não se dá de maneira pura, objetiva. A ciência não é neutra e totalmente objetiva. Antes toma forma em mim, moldando aquilo que vivenciei e que permanece arraigado em minha mente-corpo. Percebo o mundo e o re-significo a partir daí. (COSTA, 2016, p. 43)

Em diálogo com esta concepção de Daniel Costa, através da vivência como ator/observador utilizo da absorção de tudo que me afetou e de certa forma ficou enraizado em mim, transformando meu próprio ser e modo de enxergar a vida, e com o desejo de trazer para a personagem uma essência que aproximasse da

realidade de um paciente com quadro clínico mental inserido num espaço psiquiátrico, com a clareza de que eu não estaria imitando-o, mas que através da observação eu capturasse fragmentos, transformando-os a partir da memória a minha estrutura corpórea, para assim dar vida às características da personagem.

A minha observação voltada para o corpo e formas de agir dos “visitantes” da ala psiquiátrica do HC-UFU foi de suma importância para a ativação de um corpo que chegasse próximo de uma pessoa sob o efeito de medicamentos oscilando entre momentos de surtos e dopagem. Comecei observando a forma de andar sendo um pouco mais lenta na maioria das vezes, acompanhada de uma dificuldade em dizer as palavras com um corpo que realiza pequenos movimentos.

Para compor o corpo da personagem, foram utilizados como exercício rolamentos com impulso do quadril sem retirar os pés do chão, adicionando um levantar da cabeça lentamente e realizando pequenos movimentos com os olhos e o pescoço para os lados, cima e embaixo. Ao passar pelos níveis baixo e médio até estar no alto realizando a mesma movimentação com a cabeça, encontrei para a personagem o gesto de olhar em ritmo lento e preciso o espaço incluindo pessoas e objetos.

Acredito ter conseguido um resultado corporal satisfatório onde a consciência do corpo e do espaço no qual ele está inserido norteou todo o processo de construção da personagem, tendo a perspectiva corporal e emocional do ser humano como elementos inerentes da sua personalidade.

Caracterização

Durante o processo de criação as características da personagem foram ficando mais evidentes, nascendo uma imagem de uma criatura próxima ao bufão⁹ em sua aparência de forma grotesca com o físico já desgastado por decorrência das marcas atribuídas na sua forte jornada de vida. A caracterização foi construída através de experimentações partindo da ideia de uma maquiagem carregada e

⁹ O Bufão é o contraste oposto do palhaço com características grotescas e geralmente tem alguma deformidade física com aparência estranha. Ele trabalha com críticas sociais e sua sátira é sempre com o outro, mostrando o defeito daquele que ele aponta e seja quem for independente de hierarquias.

desconstruída por traços borrados e mal feitos, transmitindo uma pessoa que se mostra vaidosa e ao mesmo tempo um ser grotesco em sua aparência.

No primeiro teste de maquiagem, experimentamos os lábios cobertos de batom borrado, sombra forte nos olhos e uma tentativa de cobrir as sobrancelhas e criar uma nova com traços finos, adicionando também uma peruca velha de cor escura e embaraçada. Partindo dessa primeira proposta, solicitei a ajuda do Lucas Larcher¹⁰, para auxiliar no aprimoramento da maquiagem reforçando os traços e deixando-os mais marcados, como a bochecha e o nariz mais cheio, retirando mechas da peruca e fixando-as no meu próprio cabelo.

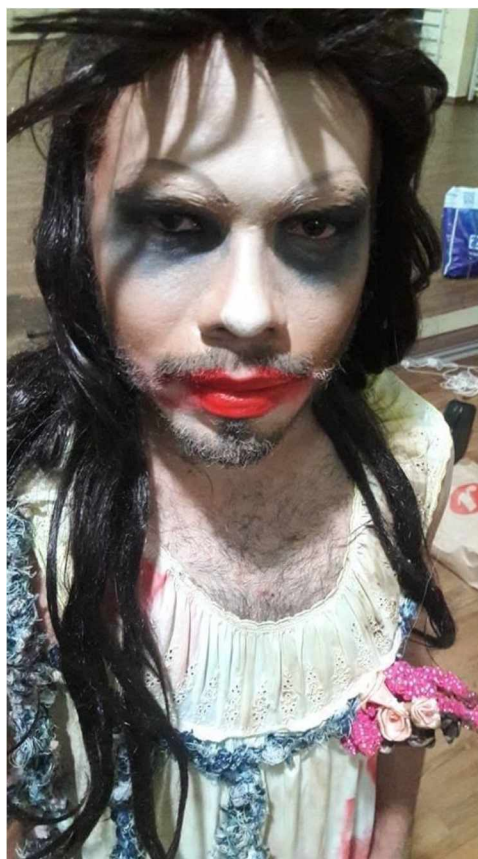


Figura 6 - Primeiro teste de Caracterização/Maquiagem

A criação dos figurinos passou por uma customização feita por mim e Getúlio nas três camisolas usadas em cena, na qual a proposta era deixá-las com uma aparência artística retirando a identidade de uma peça de roupa comum, atribuindo cores para representar as manchas de urina, fezes e sangue citadas pela

¹⁰ Professor do Curso de Teatro (IARTE/UFU).

personagem ao descrever as mesmas. Além desta representação, fixei estopas em uma das camisolas com a costura em referência aos trabalhos de Arthur Bispo do Rosário, artista plástico brasileiro, internado em um hospital psiquiátrico com o diagnóstico de esquizofrênico paranoico com a ficha marcada por negro, pobre e indigente. Bispo do Rosário ficou conhecido pelos seus trabalhos produzidos dentro do quarto do hospício, e dentre os vários casacos bordados que criou, em especial há o manto feito para o dia do juízo final que foi uma das suas obras que mais nos inspirou e levou a criar uma nova visualidade para uma das camisolas.

Propositamente há uma brincadeira na caracterização da personagem no que se diz respeito a sua identidade de gênero, causando ao espectador uma imagem confusa ocasionando um estranhamento, mas que leva o espectador a refletir sobre seus preconceitos com relação aos padrões pré-estabelecidos do que se configura masculino e feminino enraizados na nossa sociedade. Para aproveitar melhor essa concepção, o figurino inicial é composto por uma bermuda preta e uma faixa cobrindo os peitos como ideia de esconder uma parte do corpo que automaticamente distingue o masculino do feminino.

Cenário

Até certo momento do processo ainda não havia nenhum foco voltado para o cenário, porém, conforme o processo se desenvolvia surgiu a necessidade de iniciar a construção do mesmo para que as cenas improvisadas se estruturassem a partir do todo e o trabalho fosse ganhando novas formas dentro de um espaço caracterizado. Sendo assim, eu e Getúlio já havíamos determinado que a encenação iria acontecer dentro de um quarto de manicômio conforme a proposta do texto, mas não sabíamos como seria a estrutura enquanto cenário.

Voltamos à leitura da dramaturgia destacando todos os “objetos” citados referentes à descrição do quarto e outros utilizados em falas da personagem. Chegando a esta lista:

Caneca	Cobertor
Pedaços de papel	Camisolas
Fezes	Lápis
Ratos	Cama enferrujada
Baratas	Linha
Grade/Janela	Agulha

Com a mesma construída, Getúlio me pediu que no próximo encontro fosse montada uma instalação cênica utilizando os objetos da lista relacionando-os com o espaço: quarto. Recolhi os objetos mais fáceis em casa – duas canecas de alumínio, linha, agulha, lápis e pedaços de papel – não sabendo como iria demonstrar uma janela, uma cama enferrujada, fezes, baratas e ratos, em uma busca pela casa de minha avó encontrei três camisolas que ela não usava mais e me foram doadas por ela, restando ainda os outros objetos para completar a minha instalação.

Encontrei como forma de representar as fezes, baratas e ratos, pedaços de papéis higiênicos sujos de cor escura e numa observação na varanda de minha casa, duas telas de proteção de janelas inutilizadas, as quais foram aproveitadas para reproduzir a janela e a cama, assim a instalação foi montada no canto da sala de Encenação, local em que aconteceram nossos encontros, e foi composta por objetos que consegui acrescentando medicamentos jogados no chão, blocos de cimento como apoio da grade/cama e um equipamento de iluminação PC colocado no chão, posicionado contra o espaço e materiais instalados.



Figura 7 - Instalação Cênica: Cama enferrujada.

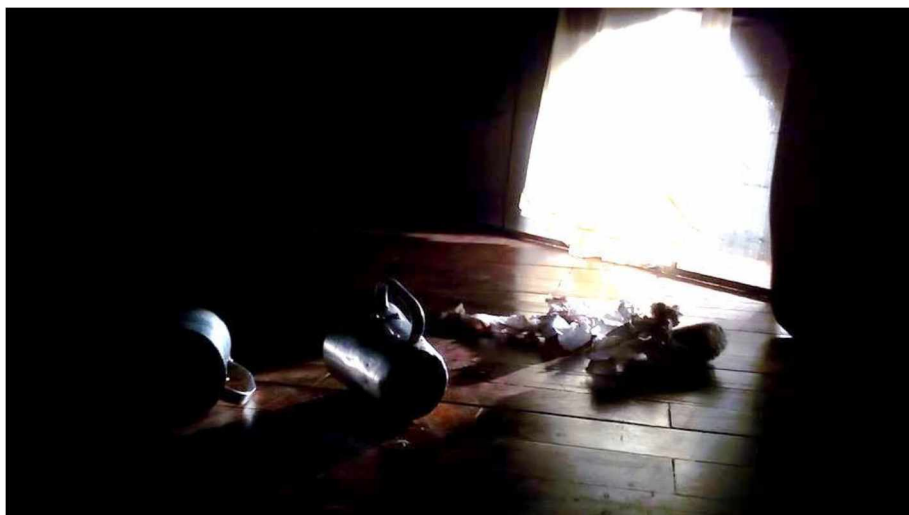


Figura 8 - Instalação Cênica: Canecas, papéis, grade e camisola.

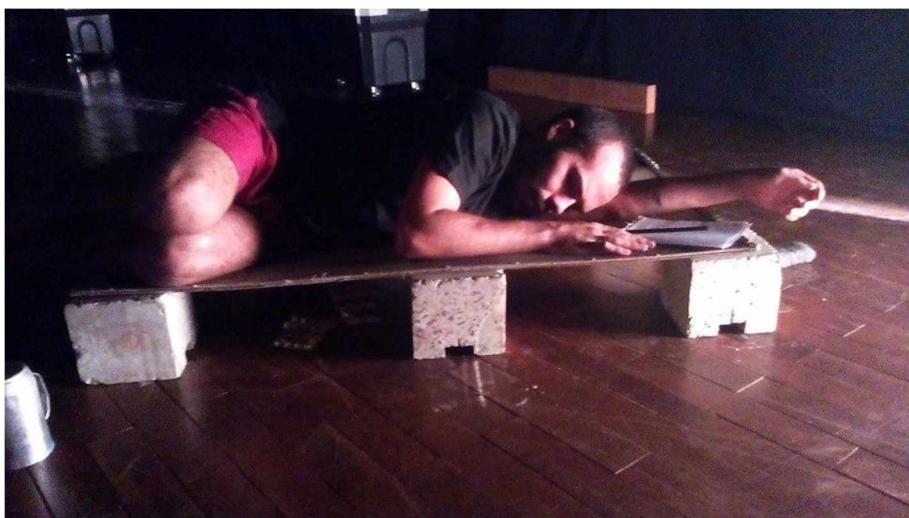


Figura 9 - Instalação Cênica: Experimentação da cama.

Minha instalação foi apresentada ao Getúlio, seguindo com uma apreciação feita por nós em que ideias foram surgindo para a transformação daquele espaço e construindo o cenário a partir dessa primeira composição, os objetos presentes, continuaram como elementos da cenografia: as duas grades para representar a cama e janela, as duas canecas, lápis, linha, agulha, medicamentos e camisolas. Resolvemos então fazer mais experimentações com a iluminação no chão durante as improvisações de cenas, considerando este quarto um lugar de situação precária e sujo, Getúlio lança a sugestão de construir um tapete de estopas¹¹ cobrindo todo o espaço cênico.



Abraçando essa ideia, consegui adquirir 8 kg de estopas e solicitei a ajuda do cenógrafo Eduardo Silva onde construímos um tapete com a base feita de tecidos cinza escuro para que as estopas fossem colocadas em cima com facilidade de manusear a montagem, desmontagem e deslocamento das mesmas pelo espaço com um formato construído a partir da ideia do espaço cênico ser sempre no canto da sala usado a princípio na instalação.

Figura 10 - Construção do cenário: Tapete de estopas.

¹¹ Produto derivado do linho.



Figura 2 - Tapete de Estopas concluído.



Figura 3 - Cenário finalizado com iluminação.

A utilização das estopas de cores escuras teve como intuito trazer a visualidade de um ambiente sujo e precário, relacionando com a ação de costura realizada pela personagem, podendo também trazer uma relação com gestação/filho após Eduardo Silva apontar sua visualidade próxima à imagem de placentas. Para completar a construção do cenário, foi feito uma espécie de anzol manipulável à mão fixado em uma linha, utilizado para erguer um casulo de estopas presente na última cena do trabalho.

O primeiro contato com o cenário já completo foi composto por uma observação e apreciação, em sequência um exercício em que o Getúlio me orientou a deitar sobre o tapete de estopas e sentir a sua textura e as sensações que me causavam junto com um áudio como estímulo para trabalhar a respiração deixando a mente se esvaziar de todos os pensamentos que não fossem referentes àquele processo. Aos poucos fui me conectando com aquele espaço que seria minha nova ferramenta de trabalho, sentindo sua textura macia e ao mesmo tempo quente, mais o incômodo no nariz causado pelo pó solto pelos tecidos desfiados e seguindo para a proposta de me cobrir todo com as estopas que estavam no alcance das minhas mãos sem me locomover do lugar - o calor ficou mais evidente causando mais coceira no nariz - com a sensação de estar protegido relacionando a imagem de um casulo.

Iluminação

O trabalho de iluminação foi desenvolvido com o apoio e operação de Camila Ruth¹², no qual a ideia de instalar no chão todas as luzes utilizadas foi mantida, acrescentando mais dois PCs nas laterais da frente do espaço cênico contra a luz implantada no fundo. A opção de usar as luzes no chão teve como proposta ressaltar efeitos de luz e sombra sob o cenário e a projeção da sombra do meu corpo ao estar em cena no fundo preto montado por rotundas. Ruth acrescentou suas ideias no trabalho a partir de sua visão sobre o mesmo, propondo um controle adicionando um jogo com a luz de fundo, na qual sua intensidade parte de um nível

¹² Aluna do Curso de Teatro (IARTE/UFU) e integrante do grupo de pesquisa Cênica Luz.

baixo e vai aumentando conforme o espetáculo acontece referindo-se à movimentação do sol com o decorrer do dia.

Elementos e significados

Todos os elementos utilizados na cena foram colocados com o intuito de significar algo que pudesse ser relacionado com outros sentidos e que não fossem usados apenas como objetos de cena com significados restritos às suas funções comuns. Relações entre o físico do material e a ressignificação apresentada pela ação da personagem e/ou interpretação do espectador. Visto que a personagem não possuía mais dentro de casa e em seu relacionamento com o marido a referência da feminilidade, abordamos essa questão na ação de costurar e no uso das camisolas como referência a essa qualidade, no qual sente prazer ao executar a costura lhe trazendo calma e ao vesti-las tem o resgate da sensação de ser uma mulher mesmo com os trajes velhos e sujos.



Figura 4 - Relação da personagem com a camisola.

Assim também como as canecas¹³ utilizadas, para representar a filha que vai á óbito após o “banho” de erva-cidreira que a personagem – sua mãe – lhe dá, utilizei de uma espécie de casulo feito com estopas considerando a morte como uma passagem e não o fim, como a lagarta ao entrar em estado de repouso dentro do casulo, não se encerrando ali sua jornada, passando por uma transformação ao se tornar uma borboleta. Representando o anjo de asas grandes, foi usado um recurso semelhante a um anzol de pesca em que a criança – casulo de estopas – é colocada e elevada ao ar, “*voando pelo mundo*”.



Figura 5 - Cena da personagem com a filha - casulo de Estopas.

¹³ Citadas em outro momento acima a sua utilização como uso comum – beber água e tomar banho – e sua ressignificação reproduzindo duas crianças que ela mostra afeto e cuidado.



Figura 6 - Cena da criança sendo levada pelo Anjo.

Como os objetos foram usados em cena com significados simbólicos, foi desenvolvida uma partitura em que cada movimento no ato da criação deveria representar um objeto presente ou parte do espaço/quarto descrito na dramaturgia e o objetivo não era mostrar os mesmos ao espectador, mas utilizar-se destes como estímulo. Esta composição foi inserida no trabalho complementando a visualidade cênica, incluída no início e fim como uma forma de ritual sinalizando a abertura e encerramento do ciclo construído e apresentado.



Figura 7 - Realização da partitura de movimentos no início do exercício cênico.



Figura 8 - Realização da partitura de movimentos no final do exercício cênico.

Conclusão

Em todo meu percurso enquanto aluno de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia, durante quatro anos e meio de graduação, tive a oportunidade e honra de vivenciar momentos únicos com pessoas que ajudaram a trilhar minha história acadêmica compartilhando força, experiência e motivação para a conclusão deste ciclo. Construí um caminho de descobertas em que me coloquei aberto a novas experiências, permitindo que as mesmas adentrassem em mim e buscando sempre crescer enquanto aluno, ator e pessoa.

Resgatando toda minha trajetória dentro do curso, confesso que em vários momentos pensei em desistir, mas me entreguei aos estudos e segui em frente, acreditando que a Arte está intrínseca no meu ser e que para me construir enquanto ator era necessário me despir de todos os meus pré-conceitos do ponto de vista corporal e emocional e me render ao rito teatral de forma empírica e dialética, desconstruindo tudo que julgava ser o certo para realizar um trabalho cênico.

Nesse sentido a experiência adquirida a partir da criação de uma dramaturgia densa tendo a loucura como eixo norteador foi de suma importância para meu crescimento, possibilitando também um autoconhecimento emocional, corporal e psicológico. Citando Antunes Filho ao dizer que: “Não posso encarnar a personagem, eu vou me sensibilizar com a personagem¹⁴”, faço uma reflexão de tudo vivenciado durante o processo cênico e concluo que não “encarnei” a personagem, mas me sensibilizei com ela, pois, a mesma não é algo que se separa do ator nem outra pessoa, quando atuo estou em total presença com outro estado corpóreo e emocional construídos por mim.

Portanto, o trabalho teatral relatado através do presente memorial me proporcionou uma experiência realmente sensorial e intensa, me permitindo desenvolver um conhecimento comprometido com a busca sistemática de uma verdade cênica, sobretudo no que se diz respeito à identidade da personagem, onde a procura constante de uma consciência corporal e emocional a partir dos jogos cênicos, dos exercícios e das improvisações, possibilitou uma vivência plena da minha práxis artística.

¹⁴ ANTUNES Filho, Documentário: O Teatro Segundo Antunes Filho – O Método.

Concluo o curso de graduação também com este trabalho, em que o tema loucura que tanto me inquietava desde a infância e a vontade de me entregar de corpo e alma a um processo cênico como foi o que experienciei, tendo a convicção de que expandi meus conhecimentos até então adquiridos na academia, ressignifiquei alguns conceitos e “verdades” e desenvolvi um autoconhecimento emocional, corporal e vocal. Finalizo essa experiência com a plena certeza que fiz o meu melhor, me entreguei para a loucura vivida em mim através da personagem e meus conflitos internos, e hoje me coloco de forma consciente no meio artístico ao qual estou inserido, sobretudo como ator e pessoa, vou trilhando meu caminho com novas reflexões, atravessamentos e inquietações, mas certo de que o ator necessita sair do seu estado de inércia e se colocar no meio do caos para criar uma personagem e se construir a todo momento.

Vivenciei a loucura em mim de forma intensa desde o início do processo de criação do exercício cênico até o último minuto de cena compartilhado com os espectadores, junto com a adrenalina percorrendo em meu sangue e me levando a outros estados físicos e emocionais. Sou louco pela arte, pelo teatro, pelos meus sonhos. Sou louco pela vida. E chego a conclusão de que a loucura está presente em cada um de nós, e finalizo com dois questionamentos: O que é ser louco? O que precisa para ser considerado “normal”?

Referências

Livros

MILARÉ, Sebastião. **Antunes Filho e a Dimensão Utópica**. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1994.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo, Geração Editorial, 2013.

COSTA, Daniel. **Encruzilhadas de uma Dança-Teatro Brasileira: F(r)icção Arte-Vida no Processo Criativo**. Curitiba, Editora Prismas, 2016.

Filmes

ANTUNES Filho. Documentário: O Teatro Segundo Antunes Filho – O método. 52'37". Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=wXMwNoB5dHo>. Acesso em agosto de 2014.